

A Feira da Torre não pode cair de nível

A qualidade dos produtos preocupa os artesãos

FERNANDO PINTO
Repórter Especial

Aconteceu em 1960, na base da autêntica invasão sem violência, como convinha à índole pacífica do grupo. Eram 16 artistas (não confundir com hippies), pioneiros com bons empregos fixos, que faziam arte pela arte. Alguns deles ganhavam notoriedade anos mais tarde, com destaque para Ney Matogrosso, que a esse tempo não exibia em público seus dons canoros e rebolativos (leia-se expressão corporal) ornamentados por indumentárias exóticas.

— A gente não sabe por que o Ney tem vergonha de mencionar nas suas biografias o fato de ter sido o fundador da feira da Torre. Ele era muito bom artesão...

Quem traz o passado ao presente é o escultor de couro Mauro Leão Marpin, um dos líderes da santa invasão de artistas em busca do espaço vital, movimento que coincidia com o nascimento de Brasília e que se transformou na semente da hoje irreversível Feira de Artesãos da Torre. Muito embora nenhum do grupo dos 16 exponha mais a sua arte naquele espaço conquistado a duras penas, houve quem levasse o mesmo ideal de desenvolver um trabalho sem compromissos com a improvisação industrial ou com o charlatanismo grosseiro, a exemplo da artesã Lázara Abadia de Souza. Apesar de não ter pretensões de líder, por méritos pessoais ela acabou se tornando a porta-voz dos expositores daquela feira de surpresas:

— Nós éramos 16, mas agora somos mais de dois mil cadastrados. E só 500 de nós conseguem expor no único espaço cultural, aberto e popular da nossa cidade. Se as vendas estão caindo muito nos últimos tempos? Estão, principalmente por causa da crise da falta de dinheiro. Mas o que a nossa feira não pode deixar cair é o seu nível. A curto prazo acho que o artesanato brasileiro tem que voltar a fazer qualidade e não quantidade.

Frequêntada sábados, domingos e feriados por verdadeira multidão que faz lazer a céu aberto em volta das barracquinhas de artistas anônimos, comidas típicas e até de camelôs (os novos invasores), a Feira da Torre é uma espécie de coração de Brasília, que bate forte refletindo a vida de uma jovem capital de 27 anos, termômetro do marasmio oficial que ainda não encontrou a maneira certa de apoiar uma iniciativa espontânea de cultura nacional. Enquanto isso, o local se transforma em campo de batalha entre artesãos e vendedores ambulantes por um mesmo objetivo: a sobrevivência. Mas a Feira da Torre é muito mais do que isso, inclusive como um dos poucos ímas da cidade para atrair turistas nacionais e estrangeiros.



No mercado persa, o garoto da: bolas de sabão é o que mais vende



A manhã está fria, dominado pelo vento. Na elevação da Torre de TV o vento sopra mais forte. Mesmo assim a maior parte das barracas já estão armadas, com respectivos artesãos a postos, à espera de comercializar os seus produtos confeccionados de segunda a sexta-feira. O ocupante dos boxes 87, 88 e 89 começa a arrumar a sua barraca, com a ajuda da mulher e filhos. Trata-se de Zozá Rodrigues da Silva, cearense de 45 anos, mulher e seis filhos (um ficou em casa), há três anos ocupando aquele espaço de sobrevivência. Ele vende cestas, balaios e cadeiras de palha. Abre um sorriso de quem está de bem com a vida quando o repórter quer saber se "a feira está dando algum resultado".

— Já foi bem melhor, porém continua dando pra gente viver. O meu produto tem boa aceitação, graças a Deus. Dona Estelita, a mulher que veio com o marido de Planaltina, onde exibiam na feira daquela cidade o seu artesanato de palha até 1984, explica que precisa trabalhar até mesmo no Dia das Mães.

— De que me adiantava ficar em casa? Eu estou com saúde, minha família está com saúde. E eu me sinto muito feliz em trabalhar no dia de hoje. Acho que não tem muita diferença... Onde vocês aprenderam a trabalhar com palha?

— Lá no núcleo rural onde a gente mora, em Tabatinga. Isso foi mais ou menos uns sete anos. Antes a gente só sabia fazer agricultura. Agora todos nós fazemos cestas e cadeiras: o Zozá, eu e nossos filhos. A gente tem oficina em casa. Se hoje vai chover? Não. Pode ficar tranquilo. Hoje não chove. A gente que é do campo entende disso. E é por isso que a gente lá aqui.

Se nos mesmos conhecimentos meteorológicos de dona Estelita, a sua vizinha do box ao lado que confecciona à mão colchas para camas ainda não veio, na certa por causa do tempo fechado. Em compensação, já se encontra ali perto estacionada há uns 10 minutos um camburão improvisado em ambulância para primeiros socorros. A família está ali mais para ajudar do que com a intenção de prender alguém, ação que só é consumada quando o diálogo não funciona. Enquanto isso, João, o baiano, que a equipe, foi dar uma voltinha, devidamente acompanhada de uma soldado, a soldado Ivone fica de plantão no volante, olhos atentos no rosto bonito. Cadeira 22 anos e 1 na PM, ela deixa bem claro que a missão ali é paz.

— É rotina de serviço. Felizmente, aqui a gente nunca encontrou problema, nunca se prendeu ninguém. As vezes os camelôs são bem atre, mas isso é assunto dos fiscais. Só agimos se houver perigo. No mais a gente podendo ajudar, ajuda.

Quem não está satisfeito com os camelôs é o artesão Adivá, que faz bonitos pilões de todos os tamanhos, de sucupira ou ipê, o mais barato a 250 cruzeiros e o mais caro a 1.600 cruzeiros. Ele vem de Planaltina vender os seus pesados produtos, cuja comercialização considera prejudicial por causa dos concorrentes "lá de baixo".

— Eles estão lá do lado que representa o "file" da feira porque o grosso dos frequentadores da nossa feira vem das cidades satélites, descem na Rodoviária e são obrigados a passar por ali pela fila de barracas dos camelôs, que vendem tudo mais barato porque só trabalham com produtos comercializados. Isso não tá certo.

O SOL APARECE

Conforme previsão da vendedora de artesanatos de palha, o sol dá a cara muito antes do que todos esperavam: 9h15. A alegria dos compositores é contagiante, mas a Feira da Torre ainda está vazia de gente. A não ser pelas pessoas que enchem a barriga no setor de alimentos, onde o movimento na barraca do Pará é bastante intenso, os espaços entre os boxes continuam vazios. E os poucos recém-chegados ignoram completamente o box de uma menina de olhos tristes, que vende cabeças de cachorro em bengalas rotantes. Cléia Borges, de 16 anos, explica que não está triste, seu jeito é aquele mesmo. Como estão as vendas? Não muito boas. Mas não é ela que faz as cabeças de cão. Apenas vende por 70 cruzeiros cada peça.

— A artista que faz isso me paga 50 cruzeiros por dia, me dá cinco por cento do que eu vender. Ela é uma pessoa muito boa. É uma pena que ultimamente a gente tá vendendo muito pouco... As queixas são anônimas: as vendas caíram vertiginosamente desde que foi tirada a máscara do Plano Cruzado. Dona Lira, Antônia Gomes Nascimento de Coimbra, presidente da Associação dos Artesãos de Planaltina, confirma a queda das vendas. Mas tem esperança de que a situação vai melhorar "por que ficar assim não pode, né?". Na sua entidade há 104 sócios e muitos deles estão ali expondo em boxes comuns como manda o espírito de cooperativismo e solidariedade. A maioria é especialista em confeccionar flores do cerrado, inclusive ela, mas não vende vibras mais com a arte de juntar flores extraordinárias em colchas como dona Antônia Maria Gomes, de 60 anos que não esconde o orgulho de sua habilidade e bom gosto.

Os meus melhores frequentes são os turistas. Eles ficam encantados quase não acreditam que as flores do cerrado possam ficar assim tão lindas, quando a gente trabalha delas. Onde é que se acha material? Ora, apanho no cerrado.

Os preços dos amarradinhos variam entre 10 cruzeiros, que é o preço de uma rosa silvestre, e vai no máximo a 100 cruzeiros pelos bonitos buquês que servem para ornamentar uma sala de visitas. Como essas confeições são vendidas a preços módicos, as vendas não caíram assim tão sensivelmente. Dona Maria da Penha, de 32 anos, que também faz mágica com as flores silvestres, diz que não tem do que se queixar. Qual o movimento bruto nos finais de semana?

A gente consegue fazer entre três a quatro mil cruzeiros, o que vai dando pra gente viver. Como o nosso investimento é a própria natureza que dá, a coisa compensa.

Das oito associações de artesãos do DF, quem trabalha com maior assiduidade na Feira da Torre são os associados de Taguatinga, Plano Piloto, Planaltina e Guará. Uma associada da Associação do Plano Piloto, Ligia Rocha Costa, mineira de Diamantina, "terra do grande presidente Juscelino, uai", 32 anos e 14 anos expondo na feira, é uma das mais tranquilas porque os seus produtos têm uma boa saída, mesmo nesta entressafra no comércio de artes. Ela vende santinhos barrocos, perfeitos, verdadeiras peças vivas, tão vivas que muitos turistas pensam ser de igrejas católicas.

— Eu não engano. Desde sempre a eles que são peças de gesso, moldadas em formas feitas por mim. E eles sempre levam alguma coisa.

O santinho mais barato de dona Ligia custa 40 cruzeiros, mas há os de até 500 cruzeiros. Como esses santinhos não fazem mal, a artista é obrigada a se submeter à lei da oferta e procura, mas em geral a procura compensa a oferta. Ela garante que o movimento de vendas, "foi muito bom", mas mineiramente omite quanto vendeu. Mas sua modestia não esconde que já fez duas boas exposições no Banco Central e que já participou de 35 exposições individuais. Diz que tem peças suas em vários lugares do mundo.

Se a gente não está no rol dos gênios artesãos enraizados, não dá pra falar de um paralelo de 33 anos. Ednaldo Paulo de Azevedo, 15 anos em Brasília, esteve nessa lista. Pelo menos é o que demonstra a sua produção artística com exposições em vários locais, inclusive em São Paulo. A sua mais conhecida arte exposta em Brasília pode ser vista no Hotel São Marcos, onde ele escultiu um painel de 50 metros. Trabalhando geralmente em mogno, suas talhas variam entre 15 mil a 200 cruzeiros. Mesmo assim, ele acha que a situação está difícil a julgar pelo que vê em volta:

A coisa está difícil porque precisava primeiro melhorar a situação do País. A situação do País melhorando é claro que a feira também vai melhorar. Na feira eu não acho que deve ser feito nada, a não ser um pouquinho mais de divulgação. Se ela está caindo de acordo com o País, não há outro jeito de resolver o assunto. Ela é resultado de uma situação braba que tomou conta do País. Vamos esperar sem desesperar. Quem também não está a fim de desesperar, apesar de não ter painel em nenhuma estrela, é o baiano Eliseu José de Sena, de 34 anos, 24 anos de artesanato. Cabelos platinados enrolados em cachos, confiante e orgulhoso de seu conteúdo, Gilberto Gil, ele trabalha com os pés e as pernas porque é exímio capoeirista, mas sua forte mesmo não é a arte, mas a capoeira. Ele também confecciona peças de metais pequenas como pulseiras e broches, da mesma forma que prepara beirrimbas de encomenda, na base de 80 cruzeiros. Seu instrumento pequeno e 140 por um grande. Bom malandro criado em Salvador, ele não dá estrito fora de hora.

Muito artesanato, poucas vendas. Calu tudo. Só não citem os mestres capoeira. Se a barra pesa por aqui, dois anos aulinhas de capoeira e vou me virando. A gente vai levando a vida assim mesmo. E não dá pra reclamar porque se sofre do mesmo jeito...

PANORAMA DO ALTO

São 12 horas, sol a pino, domingo que seria ser de festa. Mas todos confirmam: na última semana tem sido assim. São o movimento no elevador da Torre não para. O porteiro José Moreira organiza a fila com a porta aberta. A fila do elevador é para 26 pessoas de até 70 quilos, mas ele só deixa entrar no máximo 18 pessoas de cada vez "porque tudo o cuidado e pouco". Informa que não tem reportagem de vendas depois da construção do alambrado em volta do enorme varandão. Lá de cima a perspectiva é ampla, Brasília vista pelos quatro lados, tranqüilo como se estivesse curtidão a folga de domingo. Em volta da construção metálica o quadro é quase o mesmo de dois dias atrás, sexta-feira, quando o fotógrafo Eugênio fez flagrantes do mesmo ângulo: a não ser pelas barracquinhas em fila no "caminho dos ratos", o espaço está absolutamente deserto.

— Não vai querer levar uma barbada preciosa de lembrança? Num canto do varandão, quase escondido, o garimpado Joaquim Carlos, se esforça para atrair a atenção dos turistas para a sua barracquinha. Mas todos estão extasiados com o panorama bonito que ultrapassa o lago no sentido leste. Como artista plástica, a moça balana expôs os seus primeiros trabalhos em aquarela, partindo depois para telas, onde a tônica são paisagens do Espírito Santo, naturezas mortas e mulheres, num estilo eminentemente tropicalista. Hoje, Odalva é uma artista bastante requisitada para exposições. Segundo Mauro, a Torre já produziu muito artista bom, como Agadma, de Sobradinho, "que faz coisas tão bonitas de fazer a gente cair pra trás". Mas Mauro Leão garante que hoje há arte da melhor na Feira da Torre.

— Está faltando uma boa divulgação. Muita gente não sabe que servimos almoço. Nós vamos vencer essa briga... vestre, e vai no máximo a 100 cruzeiros pelos bonitos buquês que servem para ornamentar uma sala de visitas. Como essas confeições são vendidas a preços módicos, as vendas não caíram assim tão sensivelmente. Dona Maria da Penha, de 32 anos, que também faz mágica com as flores silvestres, diz que não tem do que se queixar. Qual o movimento bruto nos finais de semana?



Ney fazia bijuterias de couro e metal



Odalva vendia roupas de sua criação



Seu Mauro hastou a bandeira da Feira

Ney Matogrosso no grupo dos 16

O número 16 perseguiu o baiano Mauro Leão Marpin. Ele chegou a Brasília em 1959, vindo de Jacobina (Bahia) para assumir seu posto no Banco do Brasil, agência central, tornando 16 com um grupo de 15 funcionários que chegavam do Rio. Assim, Mauro ostenta o título de ter sido o primeiro funcionário do BB a assumir suas funções na Capital Federal. No dia 4 de abril de 1960, 17 dias antes do nascimento oficial da cidade, novamente a referência 16 entra na vida do bancário baiano, que gostava de fazer arte no bem sentido desde menino. Ao hastear no espaço da Torre a bandeira da Feira dos Artesãos, ele se surpreendeu ao contar o total de artistas envolvidos: 16.

— Ney Matogrosso era um dos mais entusiasmados. Ele trabalhava sua arte em lindas bijuterias de couro e metal, expondo artesanato com peças de religião. E fez questão de escolher como seu espaço cativo aquele local ali perto do bambolé ou berimbó, aquele triângulo de cimento que até hoje não sabe explicar direito o que é. Por tudo que fez e participou ali durante mais de um ano, inclusive dando aulas sobre a sua arte, a gente não entendo como Ney tem hoje vergonha de mencionar em sua biografia o fato de ter sido artesão da Torre de Brasília.

Morando em confortável casa da Asa Sul, apresentando há oito anos pelo Banco do Brasil, Mauro não expõe mais na feira que ajudou a fundar. Mas faz questão de dizer que não é por vergonha de ser artesão, até muito ao contrário.

— Continuo fazendo artesanato em casa, agora em ritmo mais devagar, mas sinto verdadeiro orgulho em ter participado da feira, com os expositores colocando os seus produtos no chão. Como artista plástica, a moça balana expôs os seus primeiros trabalhos em aquarela, partindo depois para telas, onde a tônica são paisagens do Espírito Santo, naturezas mortas e mulheres, num estilo eminentemente tropicalista. Hoje, Odalva é uma artista bastante requisitada para exposições. Segundo Mauro, a Torre já produziu muito artista bom, como Agadma, de Sobradinho, "que faz coisas tão bonitas de fazer a gente cair pra trás". Mas Mauro Leão garante que hoje há arte da melhor na Feira da Torre.

— Está faltando uma boa divulgação. Muita gente não sabe que servimos almoço. Nós vamos vencer essa briga... Apesar do espaço proibido para eles por lei governamental, os vendedores ambulantes (camelôs) continuam se multiplicando no "caminho de rato" (linha sinuosa marcada sobre a grama), trecho estratégico que liga a Feira da Torre à velha Rodoviária, onde há fila dupla mais de 100 barracas de bugigangas de plásticos, roupas feitas, outros escuros e outros artefatos industrializados. Mas há quem negocie pinturas de autores absolutamente ineditos, a exemplo do cearense Lucivian, que em 22 anos e trabalha há três meses na fronteira dos artesãos de camelôs. O mais barato de seus quadros vale 1.500 cruzeiros e o mais caro 2.500 cruzeiros. São 14 horas e ele ainda não vendeu nenhum. Em compensação, enquanto o tempo passa ele dá uns beijinhos numa moça bonita que fica encolada com a aproximação do fotógrafo Eugênio. E se contenta com o passado recente.

— Ontem, sábado, eu vendi dois quadros grandes de seis mil cruzeiros cada. Valeu... Poucos metros à sua direita, duas senhoras quarantões se deitam no chão atacadas pelo marasmo e pelo calor. Confeições do Ceará são os seus produtos: camisolas, vestidos, roupas de linho, cama e mesa. Isabel Maria Lopes, que tenta a vida por ali há cinco meses, se queixa do movimento: — Tá horrível. Tá cada vez pior. Assim não dá pra gente viver. E ainda quem não tirava o chão porque aparece um fregru que nemexa com os dedos numas e no outro pé e porta-notas. Em vão. O transeunte vai embora. Delta novamente até de fazer a gente cair pra trás". Mas Mauro Leão garante que hoje há arte da melhor na Feira da Torre.

Lázara, a líder de uma classe esquecida

Do administrador ao mais novato expositor da feira, todos a conhecem, o que é bastante fácil levando-se em conta a sua permanente batalha para manter incólume aquele espaço sagrado. Em compensação, ela conhece a todos, do mais novo ao mais antigo, incluindo o grupo dos 16. Ela não viu, mas imagina:

— Foi uma coisa muito bonita os artistas invadindo a Torre pra ocupar o espaço a que tinham direito. E graças a eles, estamos aqui.

Mas bonito mesmo é ouvir Lázara Abadia de Souza falar da Feira da Torre, da qual faz parte como artesã em material de couro. "Conectei expondo artesanato em chifres e cabeca, mas mudei de gênero". Mineira de 44 anos, 28 de Brasília e participando ativamente da feira desde 1973, ela é uma espécie de oráculo para os seus colegas graças ao nível universitário conseguido num curso superior de Administração que ficou pelo meio. Texto ótino e correto gramaticalmente, tem sido através dela que o grosso das reivindicações da classe chegou até o GDP, o que acabou levando uma cadeira semi-oficial como representante das associações de artesãos do DF na Comissão Consultiva do Artesanato. Como tal, alinhavou o mais recente documento assinado pelos oito presidentes de associações de sua categoria no Distrito Federal, entregue ao Secretário de Viacão e Obras no dia 13 de março deste ano.

Trata-se de um documento de consenso dos presidentes sobre a presença dos ambulantes na Feira da Torre, proibida em decreto desde setembro do ano passado. E este decreto fala numa coisa que Brasília ainda não conecta que se chama Esplanada da Torre, que vai do pavimento térreo do transmissor das televisões de rádio e televisão até o viaduto da W-3. Nós colocamos este documento nas mãos do Secretário, pedindo o cumprimento do decreto, já que os camelôs continuam atrapalhando as nossas vendas.

Por falar em vendas, como explica a queda brusca de vendas na Feira da Torre? — São três coisas. Primeiro, a crise econômica que nós estamos passando e que a cada dia sobra menos dinheiro. Infelizmente, o artesanato está no rol das coisas super-



Entre a Torre e o "caminho de rato", a trincheira dos camelôs é a linha divisória das 2 áreas

Caminho dos ratos, a trincheira dos camelôs

Apesar do espaço proibido para eles por lei governamental, os vendedores ambulantes (camelôs) continuam se multiplicando no "caminho de rato" (linha sinuosa marcada sobre a grama), trecho estratégico que liga a Feira da Torre à velha Rodoviária, onde há fila dupla mais de 100 barracas de bugigangas de plásticos, roupas feitas, outros escuros e outros artefatos industrializados. Mas há quem negocie pinturas de autores absolutamente ineditos, a exemplo do cearense Lucivian, que em 22 anos e trabalha há três meses na fronteira dos artesãos de camelôs. O mais barato de seus quadros vale 1.500 cruzeiros e o mais caro 2.500 cruzeiros. São 14 horas e ele ainda não vendeu nenhum. Em compensação, enquanto o tempo passa ele dá uns beijinhos numa moça bonita que fica encolada com a aproximação do fotógrafo Eugênio. E se contenta com o passado recente.

— Continuo fazendo artesanato em casa, agora em ritmo mais devagar, mas sinto verdadeiro orgulho em ter participado da feira, com os expositores colocando os seus produtos no chão. Como artista plástica, a moça balana expôs os seus primeiros trabalhos em aquarela, partindo depois para telas, onde a tônica são paisagens do Espírito Santo, naturezas mortas e mulheres, num estilo eminentemente tropicalista. Hoje, Odalva é uma artista bastante requisitada para exposições. Segundo Mauro, a Torre já produziu muito artista bom, como Agadma, de Sobradinho, "que faz coisas tão bonitas de fazer a gente cair pra trás". Mas Mauro Leão garante que hoje há arte da melhor na Feira da Torre.

— Está faltando uma boa divulgação. Muita gente não sabe que servimos almoço. Nós vamos vencer essa briga... Não fosse o dinheiro de meu marido, que se militar reformado, nossa família estava mesmo era passando fome... O desabafo é da mineira Lila Edmilda Maria Correia, de 50 anos e 11 em Brasília. Ela estica o olhar comprido no sentido da Torre: — Eles estão querendo acabar com a gente. Quando eu trabalhava naquela subúrbia, ainda conseguia vender alguma coisa. Agora, aqui em baixo, não tá dando pra nada. E o pior é este sol danado na cabeça da gente. Será que o senhor não pode fazer um pedido ao governador pela gente? Nós também somos de carne e osso... Com sua camiseta transparente, o candango de 23 anos. Vendo de Araújo deixa bem claro que também é de carne e osso. Sua mercadoria está exposta ao sol num balcão improvisado: ôculos escuros para todos os preços, de 50 a 500 cruzeiros. E não precisa pagar a receita do oculista. Basta escolher e sair com o ray-ban de metrininha ornamentando o rosto delicado, sempre garantido no baile de logo mais na Ceilândia. Mas primeiro precisa garantir a venda.

— Até agora a barra está pesada. Está pesada pra todo mundo... Sobre a altitude drástica de um simplório equipamento de arame com seis rodinhas. Criancinha em volta com respectivos pais, ele vende o seu produto com uma facilidade incrível. Só que a pequena peça entrega ao comprador constava de uma só argola (o que já era mais que suficiente para fazer bolinhas mágicas), acompanhada de um copo com um líquido escuro, presmiando água de sabão. Quanto custa a argolinha e o sabão? Apenas 20 cruzeiros.

Quanto já vendeu hoje? — Até agora, mais de um milhão... Ele quer dizer mil cruzeiros, o que é uma fortuna para um garoto pobre.

Administração no cubículo sem ar

Se o interesse do GDP pela Feira da Torre pode ser avaliado através do espaço físico destinado à sua administração no local, a coisa vai muito mal. O que se pretende rotular de sala não passa de um cubículo abafado, situado no subsolo da base da torre metálica, onde se chega através de uma estreita escada de cimento em caracol, em cujo primeiro estágio o recém-entrado dá de nariz no WC coletivo. E por mais incrível que pareça naquele espaço de ar viciado medindo cinco metros de comprimento por dois de largura, trabalham dois funcionários, responsáveis sob a coordenação de Genaro Carneiro, o administrador. O grupo é responsável por 450 boxes de artesanatos, 25 de alimentos e 20 de artistas plásticos, num total de 495 papéis demarcados no chão, com respectivos algarismos.

Indagamos se o administrador já observou como os camelôs estão acabando com a grama em volta da Torre. A resposta de Genaro veio sucinta: pela falta de ar do cubículo, interrompendo aqui e ali as suas palavras com uma tosse seca.

— Perfeito. Existe um decreto do governo que proíbe a comercialização naquela área. Mas os nossos fiscais não podem ver lá dentro, que a nossa competência se restringe à área do artesanato.

Cauteloso, Genaro não entra no mérito de suas precárias instalações. Prefere falar do recadastramento dos artesãos, que deveria ser concluído antes do fim deste ano, o que vai proporcionar uma melhor apuração na qualidade da produção, separando o joio do trigo. Confronte solicitação das oito associações de artesãos instaladas no DF.

— Foi a melhor maneira que encontramos de combater a indústria aqui na feira. Então nós vamos trabalhar em cima desse recadastramento.

Mais uma novidade: o espaço provisório onde funciona o setor de alimentos vai ser transformado em palanque para apresentações culturais. Ótimo! Quando for construído.



Enquanto não fica pronto o conjunto de barracas padronizadas de alimentos na Feira da Torre, que vai ocupar o espaço lateral norte do gramado, esse setor com 25 boxes funciona ali no estacionamento do lado oeste, onde o frequentador pode encontrar de tudo. O tacacá de Pará ao arado e legítimo da Bahia. E há preços para todos os gostos: milho cozido, caldo-de-cana, pastel de carne de queijo, recheteado e com vegetais, granito tipo mata-fome, cocadas, refrescos de águas não-filtradas, churrasquinhos de carnes não-identificadas. Uma das barracas mais movimentadas é a que vende comida típica do Pará, onde dona Marlene se divide para atender a freguesia que indaga sobre os preços, muito embora essas já estejam atufadas num cartaz de bom trabalho pregado na parede:

— Quanto vale o tacacá? — Trinta e cinco cruzeiros. — E a casquinha de caranguejo? — Vinte cruzeiros.

A maioria fica, como, desembolsa o dinheiro e até repete. Uns poucos vão embora, curtindo a saudade com o cheiro acre do tupacul fazendo água na boca. Marlene Matos de Oliveira, 38 anos, paranaense há 10 anos, casada em Brasília e há mais vendendo comida de sua terra na Feira da Torre, explica que não pode vender mais barato "porque todo o nosso produto é vendido na tipica do Pará, onde dona Marlene se divide para atender a freguesia que indaga sobre os preços, muito embora essas já estejam atufadas num cartaz de bom trabalho pregado na parede:

— Quanto vale o tacacá? — Trinta e cinco cruzeiros. — E a casquinha de caranguejo? — Vinte cruzeiros.

A maioria fica, como, desembolsa o dinheiro e até repete. Uns poucos vão embora, curtindo a saudade com o cheiro acre do tupacul fazendo água na boca. Marlene Matos de Oliveira, 38 anos, paranaense há 10 anos, casada em Brasília e há mais vendendo comida de sua terra na Feira da Torre, explica que não pode vender mais barato "porque todo o nosso produto é vendido na tipica do Pará, onde dona Marlene se divide para atender a freguesia que indaga sobre os preços, muito embora essas já estejam atufadas num cartaz de bom trabalho pregado na parede:

— Quanto vale o tacacá? — Trinta e cinco cruzeiros. — E a casquinha de caranguejo? — Vinte cruzeiros.

A maioria fica, como, desembolsa o dinheiro e até repete. Uns poucos vão embora, curtindo a saudade com o cheiro acre do tupacul fazendo água na boca. Marlene Matos de Oliveira, 38 anos, paranaense há 10 anos, casada em Brasília e há mais vendendo comida de sua terra na Feira da Torre, explica que não pode vender mais barato "porque todo o nosso produto é vendido na tipica do Pará, onde dona Marlene se divide para atender a freguesia que indaga sobre os preços, muito embora essas já estejam atufadas num cartaz de bom trabalho pregado na parede:

— Quanto vale o tacacá? — Trinta e cinco cruzeiros. — E a casquinha de caranguejo? — Vinte cruzeiros.

A maioria fica, como, desembolsa o dinheiro e até repete. Uns poucos vão embora, curtindo a saudade com o cheiro acre do tupacul fazendo água na boca. Marlene Matos de Oliveira, 38 anos, paranaense há 10 anos, casada em Brasília e há mais vendendo comida de sua terra na Feira da Torre, explica que não pode vender mais barato "porque todo o nosso produto é vendido na tipica do Pará, onde dona Marlene se divide para atender a freguesia que indaga sobre os preços, muito embora essas já estejam atufadas num cartaz de bom trabalho pregado na parede:

— Quanto vale o tacacá? — Trinta e cinco cruzeiros. — E a casquinha de caranguejo? — Vinte cruzeiros.

Domingo, 10/04: 12h

De domingo a domingo o movimento cai. Os artesãos compreendem que isso é efeito da crise. Mas também culpam os camelôs.

Administração no cubículo sem ar

Se o interesse do GDP pela Feira da Torre pode ser avaliado através do espaço físico destinado à sua administração no local, a coisa vai muito mal. O que se pretende rotular de sala não passa de um cubículo abafado, situado no subsolo da base da torre metálica, onde se chega através de uma estreita escada de cimento em caracol, em cujo primeiro estágio o recém-entrado dá de nariz no WC coletivo. E por mais incrível que pareça naquele espaço de ar viciado medindo cinco metros de comprimento por dois de largura, trabalham dois funcionários, responsáveis sob a coordenação de Genaro Carneiro, o administrador. O grupo é responsável por 450 boxes de artesanatos, 25 de alimentos e 20 de artistas plásticos, num total de 495 papéis demarcados no chão, com respectivos algarismos.

Indagamos se o administrador já observou como os camelôs estão acabando com a grama em volta da Torre. A resposta de Genaro veio sucinta: pela falta de ar do cubículo, interrompendo aqui e ali as suas palavras com uma tosse seca.

— Perfeito. Existe um decreto do governo que proíbe a comercialização naquela área. Mas os nossos fiscais não podem ver lá dentro, que a nossa competência se restringe à área do artesanato.

Cauteloso, Genaro não entra no mérito de suas precárias instalações. Prefere falar do recadastramento dos artesãos, que deveria ser concluído antes do fim deste ano, o que vai proporcionar uma melhor apuração na qualidade da produção, separando o joio do trigo. Confronte solicitação das oito associações de artesãos instaladas no DF.

— Foi a melhor maneira que encontramos de combater a indústria aqui na feira. Então nós vamos trabalhar em cima desse recadastramento.

Mais uma novidade: o espaço provisório onde funciona o setor de alimentos vai ser transformado em palanque para apresentações culturais. Ótimo! Quando for construído.

Acarajé baiano, tacacá paraense

Enquanto não fica pronto o conjunto de barracas padronizadas de alimentos na Feira da Torre, que vai ocupar o espaço lateral norte do gramado, esse setor com 25 boxes funciona ali no estacionamento do lado oeste, onde o frequentador pode encontrar de tudo. O tacacá de Pará ao arado e legítimo da Bahia. E há preços para todos os gostos: milho cozido, caldo-de-cana, pastel de carne de queijo, recheteado e com vegetais, granito tipo mata-fome, cocadas, refrescos de águas não-filtradas, churrasquinhos de carnes não-identificadas. Uma das barracas mais movimentadas é a que vende comida típica do Pará, onde dona Marlene se divide para atender a freguesia que indaga sobre os preços, muito embora essas já estejam atufadas num cartaz de bom trabalho pregado na parede:

— Quanto vale o tacacá? — Trinta e cinco cruzeiros. — E a casquinha de caranguejo? — Vinte cruzeiros.

A maioria fica, como, desembolsa o dinheiro e até repete. Uns poucos vão embora, curtindo a saudade com o cheiro acre do tupacul fazendo água na boca. Marlene Matos de Oliveira, 38 anos, paranaense há 10 anos, casada em Brasília e há mais vendendo comida de sua terra na Feira da Torre, explica que não pode vender mais barato "porque todo o nosso produto é vendido na tipica do Pará, onde dona Marlene se divide para atender a freguesia que indaga sobre os preços, muito embora essas já estejam atufadas num cartaz de bom trabalho pregado na parede:

— Quanto vale o tacacá? — Trinta e cinco cruzeiros. — E a casquinha de caranguejo? — Vinte cruzeiros.

A maioria fica, como, desembolsa o dinheiro e até repete. Uns poucos vão embora, curtindo a saudade com o cheiro acre do tupacul fazendo água na boca. Marlene Matos de Oliveira, 38 anos, paranaense há 10 anos, casada em Brasília e há mais vendendo comida de sua terra na Feira da Torre, explica que não pode vender mais barato "porque todo o nosso produto é vendido na tipica do Pará, onde dona Marlene se divide para atender a freguesia que indaga sobre os preços, muito embora essas já estejam atufadas num cartaz de bom trabalho pregado na parede:

— Quanto vale o tacacá? — Trinta e cinco cruzeiros. — E a casquinha de caranguejo? — Vinte cruzeiros.

A maioria fica, como, desembolsa o dinheiro e até repete. Uns poucos vão embora, curtindo a saudade com o cheiro acre do tupacul fazendo água na boca. Marlene Matos de Oliveira, 38 anos, paranaense há 10 anos, casada em Brasília e há mais vendendo comida de sua terra na Feira da Torre, explica que não pode vender mais barato "porque todo o nosso produto é vendido na tipica do Pará, onde dona Marlene se divide para atender a freguesia que indaga sobre os preços, muito embora essas já estejam atufadas num cartaz de bom trabalho pregado na parede:

— Quanto vale o tacacá? — Trinta e cinco cruzeiros. — E a casquinha de caranguejo? — Vinte cruzeiros.

A maioria fica, como, desembolsa o dinheiro e até repete. Uns poucos vão embora, curtindo a saudade com o cheiro acre do tupacul fazendo água na boca. Marlene Matos de Oliveira, 38 anos, paranaense há 10 anos, casada em Brasília e há mais vendendo comida de sua terra na Feira da Torre, explica que não pode vender mais barato "porque todo o nosso produto é vendido na tipica do Pará, onde dona Marlene se divide para atender a freguesia que indaga sobre os preços, muito embora essas já estejam atufadas num cartaz de bom trabalho pregado na parede:

— Quanto vale o tacacá? — Trinta e cinco cruzeiros. — E a casquinha de caranguejo? — Vinte cruzeiros.